

ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA: trilhando um novo caminho com vistas ao bem viver

Tania Cristina Teixeira¹

Emmanuele Araújo Silveira²

Christian Rodrigues Costa³

David Ferreira Duarte⁴

*“Ainda há tempo, mas é preciso perguntar-se pelo sentido de nossas vidas para além do dominador e consumidor. Para tanto, será preciso um esforço gigantesco de conversão ética, mudando o modo de ser autocentrado, para um modo de ser aberto e solidário”.
(Baseado na Encíclica Laudato SI'- Sobre o Cuidado da Casa Comum - IV Capítulo - A justiça intergeracional)*

RESUMO

Uma nova configuração e uma ressignificação da economia está sendo moldada em um contexto de extrema importância para as sociedades, as nações e as comunidades, em que temos assistido a destruição da vida e dos recursos naturais – que são a essência e a dádiva da Casa Comum, em suas diferentes localidades. Penalizando e destruindo a fauna, a flora e provocando a mortandade de seres humanos e de outras espécies, a economia atual tem se mostrado cada vez menos humanista. Além disso, a dureza dos tempos atuais, provocada pela pandemia da COVID-19 – que tem ceifado vidas, impedido a normalidade da vida cotidiana e do desenvolvimento social do trabalho –, vem privando uma parte significativa das populações de atuarem no meio social. Esse processo nos obriga a repensar a organização sistêmica em que vivemos, encampada na geração da riqueza, na qual, em contrapartida, verifica-se o empobrecimento geral das pessoas em situação de vulnerabilidade financeira e social – culminando na elevação da concentração de renda em âmbito nacional e, inclusive, mundial. Diante de tal problemática, o Papa Francisco faz, com a Economia de Francisco e Clara, um chamamento aos jovens que estão dispostos a repensar a economia com propostas que entreguem mais justiça social, inclusão, democracia e participação.

Palavras-chave: capitalismo; economia de Francisco e Clara; igualdade; bem comum.

FRANCESCO AND CLAIRE'S ECONOMY: treading a new path with a view to good living

ABSTRACT

A new way of reframing the economy is being shaped in a context of extreme importance for societies, nations and communities, where we have seen the destruction of life and natural resources - which are the essence and gift of the Common House, in its different places. By penalizing and destroying fauna and flora and causing the death of humans and other species, the current economy has shown itself to be less and less humanistic. In addition, the hardness of current times, caused by the pandemic of COVID-19 - which has claimed lives, prevented the normality of daily life and the social development of work -, has been depriving a significant part

¹ Doutora em Economia aplicada – Universidad de Valencia –Valencia, Espanha. Mestrado em Ciências Políticas – FAFICH - UFMG. Graduada em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

² Bacharel em Ciências Econômicas pela PUC Minas.

³ Graduando em Ciências Econômicas na PUC Minas.

⁴ Graduando em Ciências Econômicas na PUC Minas.

of the populations from working in the social environment. This process forces us to rethink the systemic organization in which we live, engaged in the generation of wealth, where, on the other hand, there is a general impoverishment of people in situations of financial and social vulnerability - culminating in the increase in the concentration of income at the national and even worldwide levels. Faced with this problem, Pope Francis, with the Francisco and Clara's Economy, calls young people who are willing to rethink the economy with proposals that deliver more social justice, inclusion, democracy and participation.

Keywords: capitalism. economy of Francesco and Claire. equality. common good.

1 INTRODUÇÃO

As Ciências Econômicas concebida a partir das exigências de mercado foi objeto de questionamentos ao longo do século XX, e continua a ser nos dias de hoje. Verifica-se que várias críticas foram realizadas no transcorrer das últimas décadas e referem-se, por um lado, ao processo de produção e de distribuição da riqueza gerada – relacionadas ao bem-estar social – e, por outro, à desigualdade, à exclusão e ao mal-estar de grande parte da população global. Outra vertente crítica que também merece destaque diz respeito ao meio ambiente, à necessidade de reduzir os impactos econômicos e à preservação da natureza.

Tal debate, travado no meio acadêmico e nas sociedades, obteve forte impulso nos dois últimos anos com o lançamento de uma proposta que englobou as diversas matizes apresentadas – com o objetivo de superar os limites impostos por aquela pauta econômica extremamente limitadora.

Essa iniciativa, realizada pelo Papa Francisco, conclamou os jovens – em âmbito planetário – que estivessem dispostos a contribuir com o realmar da economia, para que criem meios efetivos para que a economia mundial possa ser mais justa, inclusiva, democrática e participativa.

A essência desse chamado consiste em repensar o modo de produção, o processo de distribuição das riquezas, a valorização da terra e dos recursos, assim como a vida em sua expressão mais nobre, reconhecendo o direito à um *habitat* comum. Ademais, o cuidado e o amor, como elementos constitutivos de um novo modo vivente, colidiriam de forma contundente com o atual modelo – que não vê a vida de todos os seres como centro das disputas econômicas, mas, sim, o lucro.

Esse modelo atual, não sustentável, se submete a uma ordem cujo objetivo responde a outro ordenamento: o mercadológico. Nele, a despeito de todas as iniciativas divergentes, um determinismo enxorável, divinizado, idolatrado, e fundado em uma engrenagem econômica cujo objetivo maior é a geração de riqueza e o uso permanente de recursos naturais e humanos, para fins de atender a insaciedade consumista ora engendrada.

Nesse aspecto, a crítica do Papa Francisco foi contundente, uma vez desnudar a perversidade do sistema econômico atual, que coloca o dinheiro acima da vida – em sua mais triste face impulsionadora de desigualdades.

Destaca-se, também, a iniciativa dos precursores da Economia de Francisco e Clara de considerarem a importância da mulher e seu processo de participação na elaboração de uma agenda frutífera. A participação das mulheres, aqui, é somada às iniciativas que visam uma sociedade mais inclusiva – que não marginaliza e não desagrega. Com isso, reafirma-se a edificação de uma sociedade na qual os iguais, em suas diferenças, podem edificar a Casa Comum, a partir de uma relação igualitária, cujos preceitos não são estabelecidos pela relação competitiva, nem mercadológica.

Neste sentido, observa-se ser possível vislumbrar a emergência de “... novas economias no século XXI, masculino e feminino [podem] caminhar lado a lado, ombreados, nem à frente nem atrás, mas de mãos dadas, como o “Irmão Sol” e a “Irmã Lua”.

Reafirma-se o compromisso e “trata-se de uma proposta na qual feminino e masculino caminham necessariamente lado a lado, sem primazia”

No cenário atual, a sociedade humana se depara com grandes desafios, constrangida pelos desastres ambientais sem precedentes, destruição, queimadas e pelos mais diversos tipos de misérias e de restrições. Além disso, as próprias desigualdades sociais, em suas mais diversas facetas (econômica, de gênero, educacional, racial, etc.), acabam por estimular a permanência do atual ciclo exploratório dinheiro-vida.

Nesse contexto, podemos esperar outra realidade econômica, social, política cultural e espiritual? Em que bases? São questões que abordaremos a seguir. Discutir a Encíclica *Laudato Si'*, e sua relação com a Economia de Francisco e Clara, destacando as crises de cunho econômico e de valores. Em última análise, será demonstrada a necessidade de delinear-se uma outra economia, que discuta a Casa Comum e o direito de habitar com vida e abundância para todos.

Em suma, como se verá, a análise do chamado do Papa Francisco, em confronto com problemas da contemporaneidade, leva a uma – das válidas – conclusão possível: é necessário que a economia do futuro coloque a vida acima do lucro, e não o inverso. O ciclo de exploração atual, pois, há de ser suplantado.

2 ENCÍCLICA LAUDATO SI' E A ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

Em 2015, na Carta Encíclica *Laudato Si'* “Sobre o Cuidado da Casa Comum”, o Santo Padre Francisco já sinalizava que uma proposta de correção das disfunções da economia mundial estava por vir: “O meu predecessor, Bento XVI, renovou o convite a «eliminar as causas estruturais das disfunções da economia mundial e corrigir os modelos de crescimento que parecem incapazes de garantir o respeito do meio ambiente»”. (Carta Encíclica, 2015)

A Encíclica *Laudato Si'*, conclamou a todos a realmar a economia a partir das relações constitutivas da ecologia integral e de uma educação voltada para o desenvolvimento de novos valores. Clamou, de forma imperiosa, a repensarmos valores e atitudes, consubstanciando a proposta de uma nova economia que leve em consideração que: “O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos. (LS,2)” (CNBB, 2017)

Ali, lançavam bases para que repensássemos a forma como tratamos (exploramos) os recursos naturais em um ciclo que, – não deveria –, mas somente, gera mais desigualdades.

Com isso, em análise à ecologia integral, faz-se necessário rever a visão unívoca a respeito do que produzimos, como consumimos e como distribuímos as riquezas. A partir da reflexão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre a encíclica, averigua-se que “o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional” (CNBB, 2017). Noutras palavras, a economia atual leva à conclusão de um pensamento único, no sentido de que tudo pode ser coisificado, como os recursos naturais e até mesmo a própria vida – em todos os aspectos.

E é para superar tal problemática que o Papa Francisco, pela Encíclica *Laudato Si'*, fez um convite aos jovens para atuarem como protagonistas na construção de uma “outra economia”. Tal economia – ao contrário da atual –, visaria o trato dos recursos naturais com maior responsabilidade social, bem como a inversão de prioridades, em um contexto no qual o lucro não se sobreporia à vida. Esclarecendo a Economia de Francisco e Clara, o Papa Francisco estabelece:

Escrevo-vos a fim de vos convidar para uma iniciativa que desejei muito: um evento que me permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “*pacto*” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã. (Papa Francisco, 2019)

Pois bem, a Economia de Francisco e Clara nos permite realizar uma reflexão sobre a tecnificação, a coisificação da(s) vida(s) e o consumismo desenfreado, que ao mesmo tempo é dínamo e morte do futuro. Isto, pois o uso inadequado de recursos, a reprodução das desigualdades e o empobrecimento patente de grande parte da população (em escala global), não permite que concluíssemos por horizontes mais otimistas.

Neste sentido, o atual contexto exige uma análise mais pormenorizada, e que nos permita “(...) não somente ficar nos sintomas, mas avançar até as causas mais profundas da crise ecológica. E as causas, diz o Papa, límpido e claro, são de dupla natureza, mesmo que conectadas: o paradigma tecnocrático dominante (sistema capitalismo) e o antropocentrismo” (Zampieri; 2016, p. 11)

Zampieri (2016) introduziu outro ponto de vital relevância: a economia, a política e o ambiente devem manter um franco diálogo para a plenitude humana:

“(...) o bem comum e a qualidade de vida são o parâmetro para se avaliar a política e a economia, diz o Papa. Bens ambientais são aqueles em que o mercado não é naturalmente um bom cuidador e protetor. É mais fácil o mercado especular, e os bancos são os mais cruéis nisso, ao invés de realmente proteger o que é de todos. O capital especulativo tem sido desastroso para a humanidade, crise após crise, o que temos é mais desregulamentação e mais facilidade de ação impune. É preciso um freio no conceito de progresso infinito e na especulação onde dinheiro gera dinheiro sobre a morte dos mais fracos. É preciso dar um basta à ideia de que é possível crescer infinitamente de forma sustentável. Isso é falácia que não se sustenta.” (Zampieri, 2016, p.16)

Souza (2019), com as contribuições de Zampieri (2016), ressaltou que a composição da Economia de Francisco e Clara poderia ser analisada nas seguintes faces: 1) renda básica; 2) economia solidária; 3) orçamento participativo; 4) dimensão da espiritualidade; 5) os aspectos ambientais e a sustentabilidade; e 6) mercado inclusivo. Esses são os pilares iniciais para a consolidação efetiva da Economia de Francisco e Clara em diversos países, discutidos e delineados com a finalidade de sustentar um novo modelo econômico, que seria capaz de estabelecer uma agenda para o bem comum.

Por todo esse contexto, o grande desafio posto nos exige rever tanto o conceito quanto o *modus operandi* do sistema econômico e social atual. Atualmente, têm-se reproduzido relações sociais, econômicas e culturais que vão de encontro a uma perspectiva que nem sempre favorece as sociedades mais pobres, prejudicando-se o bem-estar e a qualidade de vida dos povos.

Por sua vez, a Economia de Francisco e de Clara, com enfoque no bem-viver, permite-nos almejar uma mudança estrutural permeada pela construção de um modo de produção solidário, e que não seja apenas uma franja de acomodação das famílias

empobrecidas e despossuídas.

Assim, uma vez que a proposta do Papa Francisco coloca em xeque o formato atual, e propõe uma economia mais humanista (de: lucro > vida; para: vida > lucro)⁵, faz-se necessário demonstrar alguns problemas da contemporaneidade, e como a proposta da Economia de Francisco e Clara pode ajudar a superar tais problemáticas.

3 OS PROBLEMAS DA ECONOMIA NA CONTEMPORANEIDADE

Uma primeira questão a ser mencionada se refere ao crescimento vertiginoso do desemprego – em função do processo de substituição decorrente da humanidade pela tecnologia. Tal problema resulta em franca redução de postos de trabalho de qualidade e amplia o número de famílias desprotegidas, desamparadas e sem recursos. Uma alternativa para contornar essa situação seria a inserção de tais famílias na economia informal e, sobretudo, em atividades onde não se vislumbra, em um futuro próximo, a substituição das tarefas por avanços tecnológicos diversos.

Outro fator a ser considerado se trata da falta de investimentos na pequena e na média empresa. Tais instituições são mesmo geradoras de produtos destinados ao mercado interno e externo, responsável pela contratação de grande parte dos trabalhadores em nossa economia. Ademais, os avanços tecnológicos tendem a ser concentrados em grandes empresas/indústrias, colocando as pequenas atividades à margem dos desenvolvimentos tecnológicos, em um contexto de redução de competitividade e precarização de suas atividades.

Observa-se que economias com maior atenção aos interesses dos empreendedores por meio de políticas de inovação, formação e capacitação, reduzem, de forma significativa, a precariedade das famílias e da falência de empresas de médio e pequeno porte, dando maior sustentabilidade aos pequenos negócios. Neste quadro, o estímulo à economia social e ao cooperativismo, como instrumento de fomento às iniciativas de produção, comercialização e de oferta de serviços, com vistas à repartição da renda e dividendos, se enquadra à proposta do Papa Francisco.

Nesta linha, a organização das cooperativas sociais serve não apenas como forma de

⁵ E, aqui, a vida deve ser entendida em seu sentido mais amplo, apto a incorporar os mandamentos da natureza em sua plenitude (seres vivos, recursos minerais, ecológicos, aquíferos, dentre outros), e não somente em seu aspecto que desdobre e reconheça somente a vida humana. Melhor dizendo, reconhecer a vida humana sem que se respeite todo o contexto natural que o permeia é, em igual sentido, tão destrutivo quanto o é a atual estrutura econômica.

proteção ao desemprego, à fome, e aos avanços tecnológicos centrados nas grandes empresas, mas, sim, como defesa face à organização das grandes instituições. Nogueira e Favoreto (2019, p. 1), afirmam que:

“a nova arquitetura do poder é engendrada em função de redes corporativas. Convenientemente, as corporações se articulam de modo cada vez mais intenso. A concorrência estabelecida entre competidores difusos tem cedido lugar às associações interfirmas, do que derivam gigantes empresariais. Oligopolizada, a economia passa a girar, prevalentemente, em torno de corporações cuja força se tornou desmesurada”.

Em seguida, veja que a capacidade reduzida e a fragilidade dos estados nacionais em influenciar e regulamentar a atividades dos pequenos produtores, cooperados e empresários. Este seria um dos agravantes para o crescimento das desigualdades sociais em grande escala e o recrudescimento da pobreza e da marginalização de parte da população que habita a Terra. Com Dowbor (2017, p. 142), verifica-se que a concentração de avanços tecnológicos, bem como recursos naturais em grandes instituições, somente acarreta no “fenômeno da apropriação do recurso público pelos mais ricos (...) e a transferência massiva de recursos públicos para grupos financeiros privados”.

O empobrecimento das nações e o enriquecimento de grupos e corporações podem propiciar e promover muitas assimetrias em um mercado imperfeito, acarretando grandes disparidades em âmbito mundial. Tal contexto contribui, em verdade, para a queda da qualidade de vida e redução dos indicadores de desenvolvimento humano.

Piketty (2014) já alertava sobre o crescimento das desigualdades entre nações. Para o Autor, dois pontos são principais para o crescimento das desigualdades; sendo: 1) a concentração da capacidade produtiva em grandes empresas; e 2) baixa regulamentação/contribuição estatais para estimular a produção dos pequenos e médios produtores:

“(...) enfrentamento do capitalismo patrimonial globalizado do século XXI. Os mecanismos de mercado instituídos, ao invés de equilíbrio, têm fabricado desigualdade, e o enriquecimento está cada vez menos associado à contribuição produtiva. Daí a necessidade de uma intervenção institucional”. (Piketty *in* Nogueira & Favoreto, 2019, p.1)

Os referidos entraves, mencionados acima, ainda são constantemente impulsionados pelos processos de desindustrialização e deslocalização das empresas em países em desenvolvimento, elevando o desemprego ou mesmo a existência de trabalhos precários. É mesmo a concentração do capital e dos meios de produção em países desenvolvidos, mas às custas daqueles menos desenvolvidos.

Nos últimos dois anos, marcados pelo processo pandêmico, assistimos o desmoronar de diversas economias e a necessidade premente da entrada do setor governamental para criar condições mínimas para as pessoas e para as pequenas/médias empresas. É nesse cenário que podemos repensar o paradigma norteador desse sistema econômico que por séculos tem apresentado suas mazelas, seus desequilíbrios e suas fragilidades.

É nesse cenário pandêmico e adverso que o campo para uma economia mais humanista, fraterna e menos desigual se coloca à disposição:

“(…) medidas que levem ao real equilíbrio entre mercado e Estado, bem como a disseminação e o fortalecimento dos *‘implantes socialistas’*. A crise pandêmica significa também oportunidade para a busca concreta de uma sociedade pautada por outros parâmetros morais, culturais, políticos e econômicos. Tal economia nova, necessariamente não tem caráter exclusivo materialista, ou seja, contempla efetivamente a dimensão da espiritualidade. Isto porque nós nos alimentamos e fazemos uso também de bens que não podem ser comprados e que devem circular amplamente, conforme apontaram, há oito séculos, Clara e Francisco de Assis: como dádivas da criação divina”. (Souza, 2019, p. 9)

Logicamente, a implantação de uma economia capaz de dar sustentação às gerações futuras requer mais que a repetição ou a manutenção dos – incorretos – arranjos e combinações vigentes; tais como: a redução de custos na produção de bens e serviços a serem ofertados; a queda do poder de compra dos salários; a elevação dos tributos daqueles que têm menor renda; a privatização dos serviços essenciais; e o uso da máquina pública para fins privados.

Esses são alguns entraves para a emergência de um *habitat* favorável ao bem comum. São destrutores do direito ao bem-viver, e construtores da concentração de recursos e riquezas. Portanto, em âmbito global, as sociedades necessitam repensar o *modus operandi* de produzir; distribuir; consumir; gastar; custear; planejar; e projetar o futuro.

Assim, a Economia de Francisco e Clara é um caminho a ser percorrido na adversidade e na contramão da barbárie. A valorização da vida sobre o lucro, sobre a concentração de riquezas e às inúmeras desigualdades, parece guardar um horizonte que longínquo de ser superado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o maior desafio posto é o de *realmar* a economia, requerendo mudanças estruturais sistêmicas, efetivas. Todavia, sem mudar os valores que contrariam o pensar no bem e na casa comum, não se propiciará o transbordamento da vida nem se criará o espaço

efetivo de “outra economia”, solidária, e da comunhão de Francisco e Clara.

A efetividade dessa construção da economia de Francisco e Clara não requer somente da elaboração de uma nova teoria relativa às forças de mercado; da organização industrial em vigor; do desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação; e da informação ou da verticalização das corporações. É este o cenário que a realidade nos apresenta, somado à financeirização crescente do sistema em larga escala.

O chamado do Papa Francisco nos exige repensar da condição de desenvolver e da necessidade de implementar grandes mudanças estruturais, resultantes da emergência de valores que sejam compatíveis com o desenvolvimento humano, com o desenvolvimento das capacidades construtoras de uma nova economia que não suprima a vida, e sim, com ela dialogue e que reafirme o bem estar e o bem viver.

REFERÊNCIAS

ARTICULAÇÃO BRASILEIRA PELA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA. **Carta de Clara e Francisco**. Disponível em <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Carta-de-Clara-e-Francisco-Final.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BOFF, Leonardo. **Coluna “Rumo a Assis: na direção da Economia de Francisco”**. 14 Novembro 2020. Disponível em <https://ihu.unisinos.br/603388-rumo-a-assis-na-direcao-da-economia-de-francisco-coluna-de-artigos-sobre-a-economia-de-francisco>. Acesso em: 18 dez 2020.

BRASILEIRO, Eduardo (org.). **Realmar da economia** – A economia de Francisco e Clara. São Paulo: Paulus Editora, 2023.

CARTA do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html. Acesso em: 10 dez 2020.

CARTA Encíclica Laudato Si’ do Santo Padre Francisco Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 10 dez 2020.

CNBB. Sete Conceitos e ideias centrais da encíclica Laudato Si’ – Sobre o cuidado da casa comum. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sete-conceitos-e-ideias-centrais-da-enciclica-laudato-si-sobre-o-cuidado-da-casa-comum/>. Acesso em: 17 set 2020

DOWBOR, L. **A era do capital improdutivo – a nova arquitetura do poder**: dominação financeira, seqüestro da democracia e destruição do planeta. São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

DOWBOR, Ladislau. **Democracia Econômica**: alternativas de gestão social. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GAIGER, Luís Inácio. Os caminhos da economia solidária no Rio Grande do Sul. *In:*

SINGER, Paul; SOUZA, André. (Orgs.). **A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, 2000, p. 267-286.

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792019000100209. Acesso em: 10 fev. 2021.

NOGUEIRA, A. J. M, FAVORETO, R. L. Capitalismo improdutivo: um infortúnio PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si:** sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014 que assola a economia brasileira. **Cad. CRH**, Salvador, v.32, n.85, Jan./Apr. 2019. Disponível em:

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Orgs.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo, Contexto, 2000.

SOUZA, André Ricardo de. Pilares da Economia de Francisco e Clara e o enfrentamento da profunda crise. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 10, n. 1, jan./abril 2020, p. 367-377.

TEIXEIRA, J. R. O pensamento Descolonial no questionamento à ordem internacional: Contraponto ao discurso hegemônico das relações internacionais. *In:* ANAIS DO II

SEMINÁRIO INTERNACIONAL PÓS-COLONIALISMO, PENSAMENTO DESCOLONIAL, 2., 2018, São Leopoldo. **Anais [...]**. São Leopoldo: Unisinos, 2018.

TEIXEIRA, Tania C. Condicionantes de los Procesos de Flexibilización y Precarización en el contexto de la Globalización. Un Estudio Comparativo del sector de las nuevas tecnologías de la información y de la comunicación en España y Brasil. Dep. de Ciencias Económicas- Economía aplicada de La Universidad de Valencia- España. 2014- Tesis doctoral.

ZAMPIERI, G. Laudato Si': Sobre O Cuidado Da Casa Comum. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 4-23, jan./jun., 2016.